

## O Rio de Janeiro na pena de Corina Coaraci

## Rio de Janeiro in the pen of Corina Coaraci

**Moema Rodrigues Brandão Mendes**

**Eliane Vasconcellos**

**Resumo:** Este artigo estabelece uma forma de compreender a cidade do Rio de Janeiro por meio do discurso empreendido nas publicações da cronista, Corina Coaraci, no final do século XIX, cujo projeto tem como finalidade promover o levantamento da obra da escritora, dispersa em periódicos. Aliamos nossa reflexão às questões que ocupam a sociedade fluminense sob o olhar da escrita de autoria feminina no que diz respeito à vida intelectual, considerando as manifestações artísticas que envolvem obras literárias, peças teatrais e pinturas conjugadas a abordagens sociais, que trazem à discussão a violência, o preconceito, modos, moda, costumes e considerações sobre o controle patriarcal.

**Palavras-chave:** Corina Coaraci. Escrita feminina. Crônica. Rio de Janeiro. Século XIX.

**Abstract:** This article establishes a way of understanding the city of Rio de Janeiro through the discourse of Corina Coaraci's chronicler publications, on late-nineteenth-century. The project aims to promote the collection of the writer's work, which was dispersed throughout periodicals. We combine our reflection with issues that occupy Rio de Janeiro society from the perspective of female writing regarding intellectual life, considering artistic expressions involving literary works, plays, and paintings combined with social approaches that bring to the table, violence, prejudice, manners, fashion, customs, and considerations of patriarchal control.

**Keywords:** Corina Coaraci. Women's writing. Chronicle. Rio de Janeiro. 19th century.

### Introdução

No Brasil, só na segunda década do século XX, é que começamos a descobrir a literatura feminina do século XIX, daí a razão de a linha de pesquisa, genericamente denominada “Resgate” ou “Memória”, ter-se desenvolvido com muita força, nos últimos anos, e ter desencadeado uma série de pesquisas das quais resultaram dissertações de mestrado, teses de doutorado e, mais importante, as consequentes publicações das obras das escritoras. Reconhecidamente, citamos a Editora Mulheres que contribui de forma decisiva para a divulgação destas obras. Por esta Editora foram publicadas as obras *Escritoras brasileiras do século XIX* e *Mulheres ilustres do Brasil*, por exemplo, importantes representações da produção feminina do século XIX. Atualmente, as

pesquisadoras Eliane Vasconcellos e Moema Rodrigues Brandão Mendes, estão recuperando a obra jornalística da cronista Corina Coaraci.

Corina nasceu em Kansas City, nos Estados Unidos, a 18 de abril de 1859, e logo sua família transferiu-se para o Brasil. Ao completar seis anos, retorna na companhia materna para sua terra natal. Em 1869, volta ao Brasil e passa a frequentar o Colégio Brasileiro, no Rio de Janeiro. Foi aluna brilhante e concluiu o curso com medalha de ouro em 1874. Casou-se Visconti Coaraci em 15 de junho de 1880 e teve apenas um filho, o jornalista Vivaldo de Vivaldi Coaraci. Sua atuação em nossas letras se deu por meio do jornalismo. Estreou na imprensa em 1875, colaborando nos periódicos *Ilustração do Brasil*, *Ilustração Popular*, *Arauto*, *Cidade do Rio*, *Correio do Povo*, *O País* e manteve a seção Modos e Modas/Usos e Costumes na *Folha Nova*. Em 1891, regressa aos Estados Unidos para tratar de interesse da família e atuar como correspondente de *O País*, para onde enviou seus últimos trabalhos, a série de crônicas "No país dos dólares". Adoece em Nova Iorque e, vem a falecer em 23 de março de 1892, em uma vila perto de Nova Orleans.

Sobre o nosso trabalho, teoricamente, a pesquisa de *tendência arqueológica* é o primeiro passo para a formulação de uma historiografia feminista. O resgate das escritoras esquecidas e a recuperação de dados silenciados ou excluídos, como a obra e a atuação dessas mulheres, promove o reencontro com tais produções que deve ser empreendido em primeiro lugar, para embasamento da discussão de outras questões, pois não se podem estudar e discutir questões teóricas sem conhecer o que as mulheres escreveram e publicaram. Esta análise se baseia nas pesquisas de fontes primárias e contribui para problematizar e renovar a historiografia oficial, que só leva em conta o *corpus* de textos canônicos.

Este estudo se insere em um escopo mais amplo, que envolve Ecdótica, ramo da filológica, e vem resultando, na prática, em edição de obras do século XIX, por meio do trabalho de localização dos textos, fixação e edição dos mesmos. Sintetizando, a preparação e o estabelecimento de um texto crítico obedecem aos critérios da Crítica Textual, para que se possa transmitir ao leitor um texto fidedigno, genuíno. O trabalho final da edição dos textos de Corina Coaraci não pretende apenas publicá-los, mas prepará-los, para que reflitam, realmente, a vontade da autora.

Com a conclusão desta fase de mapeamento e resgate de escritoras do século XIX, novos projetos se desenvolveram nesta linha e, estamos neste momento, editando a obra de Corina, jornalista. É importante dar acesso ao público por meio de edições anotadas

desta produção em diversos periódicos, pois a escritora não deixou nenhum livro publicado, exceto traduções.

As etapas do nosso trabalho consistem em localização e reprodução dos textos, na sequência a digitação, o estabelecimento do texto crítico, a elaboração de notas de pesquisa e finalmente o preparo da edição. Já entregamos ao público 2 livros, a saber a publicação de suas crônicas no periódico *Folha Nova* e as publicadas em *O Paiz*, que podem ser acessadas no repositório digital da Fundação Casa de Rui Barbosa, o Rubi.<sup>1</sup> Foi entregue, já, ao setor de editoração, as crônicas, traduções e ensaios publicados na *Ilustração do Brasil*. Graças a estas publicações é que podemos hoje apresentar algumas histórias e acontecimentos do Rio de Janeiro no final do século XIX.

### **Aspectos da vida intelectual: o teatro**

Em 13 de junho de 1891, em *A Gazeta de Notícias*, Corina ressalta que os fatos principais da semana foram: “a chegada de um exilado,<sup>2</sup> a estreia do favorito ator Emanuel”<sup>3</sup>

Daí em diante a cronista nos dá várias informações sobre a situação dos artistas brasileiros e sobre o teatro nacional quanto à representação do *Rei Lear*,

dir-se-ia que era uma primeira audição de peça absolutamente desconhecida para o nosso público. Embora representado por outros artistas, passara despercebida, e o nome só de Emanuel parecia emprestar novo prestígio e merecimento novo ao personagem criado pelo grande dramaturgo inglês. O público acorreu ao teatro, entretanto, e sobretudo para ver e aplaudir o ator de preferência ao autor.

Corina dedica ainda outras várias crônicas às representações de Giovanni Emanuel nos palcos do Rio de Janeiro. E se coloca em defesa do teatro nacional denunciando:

---

<sup>1</sup> <https://www.gov.br/casaruibarbosa/ptbr/search?origem=form&SearchableText=Rubi>.

<sup>2</sup> Trata-se de Afonso Celso de Assis Figueiredo, visconde de Ouro Preto. Foi ministro da Marinha e da Fazenda. Com a proclamação da República, foi preso e exilado na Europa. Voltou para o Brasil, no dia 7 de junho a bordo do Ibéria.

<sup>3</sup> Giovanni Emanuel. Ator italiano. Chegou ao Rio de Janeiro, vindo de Montevidéu no dia 7 de junho a bordo do vapor Humberto I. *A Gazeta de Notícias*, em 9 de junho de 1891, anuncia que aquela noite seria de festa para a arte dramática, pois estrearia, no Teatro Lírico, do Rio de Janeiro, o ator italiano Giovanni Emanuel, representando *Rei Lear*.

Se o teatro decaiu, é porque os cronistas-comediógrafos, e entre eles ainda Artur Azevedo, preferem traduzir operetas e farsas licenciosas a escreverem peças limpas e comédias delicadas. Temos autores, temos atores, empresários não faltam, e, se decaído está o teatro, repetimo-lo, a culpa é somente dessa mania de endeusar o que nos vem de fora em detrimento do que é nosso.

Prossegue falando que a *suprema dea*<sup>4</sup> do momento era Virginia Reiter<sup>5</sup>, mas Apolônia Pinto<sup>6</sup> ou Ismênia dos Santos<sup>7</sup> tinham uma intuição artística e um talento superior ao da atriz italiana.

Ressaltando o mérito das atrizes brasileiras escreve:

Apolônia e Ismênia nunca saíram do Brasil, são bem nossas, bem nacionais e nunca se acharam, portanto, em um meio artístico que lhes desenvolvesse, insensivelmente, pela influência de um ambiente mais culto, as grandes aptidões de que dispõem; não tiveram gênios por mestres nem assombrosos atores por exemplo.

Continuando em defesa do teatro nacional elogia a iniciativa de Emílio de Meneses<sup>8</sup>:

São inúmeros os planos de teatro nacional que têm surgido, uns após outros, razoáveis alguns, medíocres e quase impraticáveis outros, e nenhum nas condições de ser posto em execução sem grandes modificações". O Sr. Emílio de Meneses estudou melhor o assunto. Compreendeu-o, e agora, quase que de improviso, nos surpreende com um plano que é uma revolução e uma revelação, seria gratíssimo provar que, logo que tenhamos um teatro nacional, o público distinto e culto, o público de eleição, que compreende o que seja a verdadeira arte há de aparecer finalmente e encher a sala de espetáculo escolhido.

## Aspectos da vida intelectual: as artes

A crônica de *Cidade do Rio* de 19 de julho de 1890, Corina nos diz que:

Daremos uma fugida até os teatros, onde há risos e aplausos para alguns, e dissabores e tristezas para muitos. É que chegou o tempo mau para os nossos empresários, vem vindo já as aves de arribação, trazendo umas asas de águia como Novelli e Coquelin, outras ruflando faceiras as suas penas de andorinhas elegantes e inquietas como Judic,<sup>9</sup> outras trauteando as cristalinas notas dos

<sup>4</sup> Língua latina: *suprema deusa*

<sup>5</sup> Virginia Reiterer (Modena, 16/1/1862 - Modena, 22/01/1937). Atriz destaque do teatro italiano.

<sup>6</sup> (São Luís, 21/6/1854 - Rio de Janeiro, 24/11/ 1937). Uma das grandes atrizes do teatro brasileiro.

<sup>7</sup> (Nazaré, Bahia, 21/11/1840 - Niterói, RJ, 15/6/1918) vítima da gripe espanhola.

<sup>8</sup> Emilio Nunes Correia de Meneses (Curitiba, 4/7/1866 - Rio de Janeiro, 6/6/1918). Jornalista e poeta, imortal da Academia Brasileira de Letras.

<sup>9</sup> Ermete Novelli (Luca, 5/5/1851- Benevento, 29/1/1917) ator italiano, Constant Coquelin (Boulogne-sur-Mer, 23/1/1841 - Couilly-Pont-aux-Dames, 27/1/1909), ator francês, Anna Judic, (1850 - 1911), atriz francesa, chegaram ao Rio de Janeiro no segundo semestre de 1890, proveniente, dos países do Prata para uma temporada no Teatro Lírico no Rio de Janeiro.

rouxinóis como Gabbi e Stahl.<sup>10</sup>

Em 16 de agosto a cronista nos fala sobre o pintor Antônio Parreiras<sup>11</sup> e sobre “o quadro que hoje expõe e com o qual pretende responder àqueles que o acusam de carrancismo por se deixar ele ficar na Academia de Belas Artes”. Esta crônica expressa a opinião de Corina sobre as disputas que se levantam no domínio das artes:

aliás em todas as questões de arte e de literatura que, porventura, se levantem, hei pretendido e pretendo sempre conservar-me alheia a toda e qualquer influência pessoal, a toda e qualquer imposição de *coterie*, restringindo-me somente à minha impressão individual, conservando-me absolutamente neutra em todas as guerrilhas de *atelier* e rusgas de literatos.

Acusada de má vontade para com os novos e os reformadores de belas-artes, nossa cronista se defende afirmando:

*Atelier* livre ou Academia, é-me inteiramente indiferente, logo que a meus olhos a arte se conserve pura, logo que os resultados de um ou de outra produzam sobre o meu espírito impressão em harmonia ao ideal de arte por mim formado. Não quer isso dizer que tenho a pretensão de entender de artes como entendem dela os mestres; tenho, porém, a imperdoável veleidade de conservar-me independente, dizendo simplesmente o que penso e subscrevendo o que digo.

Em 12 de julho de 1890, Corina nos informa que,

a partida de Olavo Bilac para a Europa, esta sua tão almejada, tão sonhada viagem à Cidade-Luz,<sup>12</sup> despertou mais contentamentos do que tristezas, pois que todos aqueles que tinham a ventura de o haver por companheiro e por amigo, embora lastimassem a sua ausência, alegraram-se sinceramente, como irmãos, com a alegria e a satisfação que lhe iam no espírito. Olavo vai daqui do nosso meio literário, onde se fez e se expandiu o seu estro, senhor e mestre da sua arte. Vai daqui, como para aqui chegou: triunfador. Não é um principiante, não é um quase desconhecido que vai haurir no velho mundo noções e preceitos literários, para depois voltar como missionário de antigas crenças e de velha fé, a nos catequizar aqui. Ele é o genuíno, o mais puro, o mais querido missionário do moderno talento brasileiro, da forte geração dos novos, que vai levar uma parcela das nossas

---

<sup>10</sup>Cantoras da Companhia Lírica Ferrari: Adalgisa Gabbi – primeira-soprano - (Parma 23/5/1857 – Milão, 16/12/1933) e Amélia Stahl, meso-soprano. Chegaram a América do Sul no primeiro semestre de 1890.

<sup>11</sup>Antônio Diogo da Silva Parreiras (Niterói, 20/1/1860 — 17/10/1937), pintor, desenhista, ilustrador e professor brasileiro.

<sup>12</sup>Olavo Bilac (Rio de Janeiro, 16/12/1865 – 28/12/1918), escritor brasileiro. Embarca para a sua primeira viagem à Europa em 10 de julho de 1890, a bordo do navio *La Plata* com a função de correspondente do periódico *Cidade do Rio*, de onde envia a coluna *Jornal da Europa*. O escritor retorna da Europa em 21 de março de 1891 a bordo do mesmo navio.

aspirações, do nosso valor, da nossa inteligência, do nosso sangue ardente à velha metrópole de todo o mundo pensante.

### **Aspectos da vida intelectual: críticas sociais e saúde**

Quanto fala sobre a campanha que Valentim Magalhaes<sup>13</sup> estava fazendo contra o suicídio, a cronista toca em um ponto que deveria ser evitado até nos dias atuais:

Não será tampouco a propaganda de alguns escritores, unidos em um só pensamento, que o conseguirão; e isto simplesmente porque o noticiário, sendo um dos maiores elementos de vitalidade jornalística, não cogita de ideias humanitárias quando está em risco a sua quinta essência: a notícia de sensação. [...] deviam ser suprimidos do noticiário todos os assassinatos, todas as descrições de roubo, todos os fatos enfim em que entrassem como fator a paixão humana, e sonhar semelhante cousa é sonhar uma utopia.

No *Cidade do Rio*, Corina vai registrar diferentes acontecimentos do nosso cotidiano, como, por exemplo, a epidemia de febre amarela, responsabilizando as autoridades pelo descuido em tratar do assunto:

Em fevereiro último, segundo afirmam as estatísticas, foi de 356 o número de mortes produzidas pela terrível febre que às vezes, no obituário, se dá ao luxo de mascarar-se ora em tifoidea ora em perniciosa, quando não arranja uma outra nomenclatura. O povo e o país apavoram-se com a estatística, os jornais clamam, os higienistas soltam bramidos, e muito se fala e muito se escreve, ao passo que as autoridades incumbidas, muito especialmente, do fatigante serviço de ouvirem e lerem essas descomposturas anuais continuam a fazer o que sempre fizeram: nada.

Em março de 1891, comenta sobre a série de greves que estava acontecendo e como na crônica anterior também faz sua apreciação crítica sobre a polícia vigente e omissão das autoridades em tratar o fato:

Na ordem cronológica ocupa — como talvez na magnitude do fato, — o primeiro lugar a *grève* dos operários da Estrada de Ferro Central. O caso da Central foi o resultado de uma longa série de pequeninas picardias, de injustiças exercidos por quem [devera], ter-se abatido de tais exibições de irascibilidade de gênio. Por muito cordato, por muito humilde que seja o nosso homem do povo, — o mais resignado, o mais manso que imaginar-se possa, — não sofreria ele, sem protesto, por longo tempo a mesquinha tirania do déspota da Central.

---

<sup>13</sup>Antônio Valentin da Costa Magalhães (Rio de Janeiro, 16/1/1859 – Rio de Janeiro, 17/5/1903). Jornalista e escritor brasileiro. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras

Era comum ocorrerem acidentes com os bondes e em mais de uma crônica ela chama atenção para a velocidade com que eles andavam pelas ruas da cidade. Depois de um destes acidentes que ocasionou a morte de uma criança, Corina questiona:

Não seria possível exigir das companhias de *bonds*, que se precipitam pelas ruas da cidade, com toda a liberdade de quem se julga invulnerável. Como disse, nada sei de cousas tais, sei, porém, que, em outras nações, como nos Estados Unidos, e na Inglaterra, sobretudo, todas as companhias de transporte, estão sujeitas a processos judiciais pelos danos causados, quer físicos, quer materiais, casos todos previstos pela lei. Imagine-se o que não pagariam lá as nossas Botafogo, Carris Urbanos, Vila-Isabel, etc. O fim único, o alvo supremo de todas as nossas companhias de *bonds* é um só: ganhar muito dinheiro, sem atender absolutamente à comodidade do povo que a sustenta.

Em 9 de agosto de 1890, a crítica se dirige a José do Patrocínio,

“A maternidade como sentimento não existe! É a maior das mentiras que a mulher inventou desde que o mundo é mundo, para subjugar o homem! À sombra dessa maternidade tem-nos impingido um sem-número de exigências sentimentais, que nós, homens, vamos satisfazendo, porque a mulher soube apoderar-se assim de uma auréola de santidade que nunca existiu na imaginação!...”

Era isto, pouco mais ou menos, o que me dizia há três ou quatro dias José do Patrocínio<sup>14</sup> em um grande ímpeto de asseverar a todo transe paradoxos insustentáveis.

Indignaram-se uns e riram-se outros que o ouviam, e da passageira palestra ninguém mais, nem mesmo ele próprio talvez, se lembre.

Será que estas situações mudaram?

Em outra crônica, de 16 de agosto 1890 depois de nos dar detalhes sobre a greve das irmãs de caridade, Corina sugere uma solução pertinente e necessária para o fato que é efetivada no mesmo ano – a criação da primeira escola de enfermagem do Rio de Janeiro – “boas e piedosas irmãs, que mais uma vez revelaram a sua mansidão cristã em relação ao tratamento dos doentes confiados aos seus desvelos. Já tendo anteriormente abandonado seus postos no Hospício de Alienados.” Corina pleiteia o estabelecimento de um curso de enfermaria na nossa Escola de Medicina ou no Hospital da Misericórdia, curso congênere aos que existem nos mais adiantados países da Europa e da América do Norte.

A 19 de julho ela narra um fato que nos parece completamente anacrônico mesmo em 1890, “Um duelo é fato tão sério, porém, tão grave, e neste de que se trata acharam-se

---

<sup>14</sup>José João do Patrocínio (Campos de Goitacazes, 9/10/1853 – Rio de Janeiro, 29/1/1905) farmacêutico, jornalista, escritor, orador e ativista político brasileiro. Redator principal e dono do jornal, *Cidade do Rio*, convidou Corina a entrar para a redação quando ela passou a escrever a coluna A Esmo.



envolvidos nomes de tão alta valia”. O duelo ia ser travado por dois oficiais que tiveram no clube Guanabareense, um incidente. Felizmente o fato não aconteceu.

Tratava-se de um caso excepcional; eram dois oficiais que se deviam bater, dois homens que muito devem à nação e à família e a quem a família e a nação muito devem, dois homens que conquistaram os seus galões em campos de honra, que têm sob seu comando milhares de soldados que deles esperam o exemplo e a lição, a disciplina e a rigidez de carácter, dois homens que, colocando-se frente a frente, de arma em punho, decididos a matar ou a morrer, iam pôr em perigo a mais sacrossanta das causas, a da disciplina hierárquica, e que iam talvez concorrer para que periclitasse a instituição que ensina o respeito do subalterno para com o superior.

A semana de 26 de julho foi emocionante:

Amores e assassinatos, roubos e infanticídios, juras de afeto e furtos de joias, saudações de amigos em festa e gritos de naufragos, um navio que se afunda no mar sereno de uma límpida noite do luar, uma escola que se levanta em perspectiva, todos os elementos de um longo romance de sensação, reunidos em uma só semana, eis o que se depara à pena da cronista.

Informando que de todos estes acontecimentos o que chamou mais a atenção do público foi os que figuram como protagonistas mulheres e amantes. E a opinião dos jornalistas encontra-se dividida, uns querem a ducha e o hospital e outros a algema e o cárcere. O que se sucedeu foi que a paraguaia Joana Inocência assassinou o amante e o italiano Mazza esfaqueou “o seu substituto mais feliz junto à mulher que havia possuído.” Conclui a cronista diante dos fatos:

Perversidade?... Loucura?... quem nos afirma que elas na realidade existem? Uma só e única cousa palpável há em relação a todos os crimes: o preconceito: o preconceito, segundo o decretou a sociedade, segundo o estatuiu a moral da nação em que, porventura, nos achamos. O que aqui horripila é além permitido: o que lá é uma cousa de nonada é aqui um delito punível. Onde, pois, o crime? Em parte, nenhuma, ao passo que o preconceito impera em toda a parte.”

Mais adiante conclui: “ambos são um só, filhos ambos do mesmo instinto: o do macho que se julga senhor e dono, para todo sempre, da fêmea que conquistou um dia.” No correr da crônica faz uma observação bem pertinente e questiona: o que acontecerá com o marido?

A lei condena-lhe a mulher, vilipendia-a, e o vilipendiado, o condenado é ele que não poderá aspirar jamais a constituir para si outra família e outro lar, que não



poderá dar o seu nome a outra mulher, honesta e austera, a outra mulher que poderia ser mãe de seus filhos, porque esse nome tomou-lho a criminosa, a adúltera. Tem um único meio para sanar esse mal — o divórcio; mas o remédio, mas o lenitivo nega-lho a lei.

Percebemos uma Corina bem a frente de seu tempo, tocando em problemas bem atuais como o preconceito e a inclusão, E defendendo um “divórcio honrado e respeitado”. Basta lembrar que a lei de divórcio no Brasil é de 1977. Ainda sobre o divórcio diz no *Cidade do Rio* em 2 de agosto de 1890,

A questão do divórcio não é absolutamente a questão dos direitos políticos da mulher, e sejam uns retrógrados e ultraprogressistas outros, os escritores todos que se hão apresentado na liça têm, parece-me, neste assunto um só e único fito: o de fazer triunfar ou cair o divórcio, conforme a sua crença. Não será em um dia, não será talvez mesmo em anos, que se poderá dar por finda a campanha em que se ajustam forças desiguais agora no princípio, porque maior é o número dos antagonistas do divórcio do que os que por ele se esgrimem.

Em outra crônica escrevendo sobre as tendências na decoração de ambientes, não perde a oportunidade para criticar os jogos de azar.

Atualmente, a mesa de vultarete é móvel obrigado em quase todas as casas de tratamento, o baralho e as fichas são vistos em toda a parte, e, sob a capa de inocente passatempo em noites de reunião, se perdem avultadas somas, que não poucas vezes furtam às famílias a satisfação de mil e uma necessidades imprescindíveis, de conforto e bem-estar.

Nem mesmo a ida aos cemitérios escapa a sua pena:

Como era singela e recatada esta visita às sepulturas dos mortos quando feita por nossos pais ou avós! quanta modéstia, quanto acatamento nessas manifestações de dor, nesse cumprimento de um pio dever, nessa demonstração de um amor perene e puro!

As flores preferidas para o adorno das campas eram as modestas flores dos nossos jardins, as mais das vezes as flores que haviam sido cultivadas e amadas pelo morto a cuja sepultura eram levadas. Os vestuários eram os mais simples, inteiramente de luto, sem enfeites nem guarnições, singelos e tristes como todo o pranto sincero.

E conclui:

O luxo dos vestuários, a garridice das senhoras, a riqueza e variedade ostentadas nos adornos que guarnecem as sepulturas tornam a visita aos cemitérios antes uma excursão de recreio do que uma piedosa romaria.

**Aspectos da vida intelectual: modos e modas/usos e costumes**

**IPOTESI – Revista de Estudos Literários**

Juiz de Fora, v. 29, n. 1, jan/jul 2025 – ISSN 1982-0836

Nas crônicas da *Folha Nova* no ano de 1884, em uma coluna intitulada “Modos e modas/ Usos e costumes” podemos saber o que as senhoras vestiam. Resumindo em poucas palavras, a 9 de setembro a crônica diz que na moda atualmente adotada pode se usar: “tudo aquilo que nos agrada: túnicas, *basquines*,<sup>15</sup> polonesas,<sup>16</sup> sobrecasacos, vestidos de *puffs*<sup>17</sup> ou inteiramente lisos, babados largos ou babadinhos estreitos, tudo é igualmente admissível.” (24 de outubro). Sugere como adaptar a moda francesa lançada no inverno para o nosso verão:

Compreende-se que os tecidos que atualmente aparecem em Paris não nos podem servir já; pois, ao passo que na Europa caminham para os rigores do inverno, nós aqui nos preparamos para os tormentos do estio. Se, porém, aqueles tecidos não nos podem servir agora, aproveitam-nos os modelos que de lá nos chegam, e poderemos fazer de linho, cassa, *voile*<sup>18</sup> ou *étamine*,<sup>19</sup> o que em Paris se faz de pesados estofos. A moda será mantida, sem a impropriedade com que de ordinário é aceita.

Orienta as noivas como deveria ser o vestido de casamento: “A noiva não põe joias; quando muito, são permitidos apenas brincos de pérola; o mais distinto, porém, é não trazê-los. As pulseiras, os broches de ouro e brilhantes são de extremo mau gosto.”

Não se esquece de recomendar como deveriam se trajar as mulheres quando de luto em 10 de outubro de 1884:

No primeiro período, os trajes de luto são sempre de lã preta sem brilho. No segundo, já se podem usar os tecidos de lã transparente, forrados de seda. A seda é, no entanto, incompatível com o luto fechado. Quando o luto está prestes a terminar, já se admite o uso de vidrilhos, mas em muita pouca quantidade.”

Quanto ao vestuário do dia a dia:

Uma das nossas mais conceituadas costureiras disse-nos há dias que as cores claras em geral vão ser muitíssimo usadas na Europa. Compreende-se que não se trata de vestuários de rua. Para os passeios a pé na cidade, para as compras, continuarão a ser usados os estofos escuros, e a cor da moda será o azul-marinho.

<sup>15</sup> Palavra francesa. A princípio, “saia que se usava por cima de toda a roupa, geralmente com muitas pregas”; mais tarde, passou a designar-se um casaco feminino justo, com abas curtas: “vasquinha”.

<sup>16</sup> Casaco feminino amplo e comprido.

<sup>17</sup> Palavra inglesa. Armação para dar volume às saias: “pufe”.

<sup>18</sup> Palavra francesa. Tecido leve e fino, geralmente transparente: “voal”.

<sup>19</sup> Palavra francesa. Tecido leve de algodão ou de lã.

Corina não se esquece da mulher em situação econômica desprivilegiada. Assim sugere:

Se as suas posses lhe não permitem *toilettes* de ricos estofos, ela as faz de fazendas mais modestas; esforça-se, porém, para que o talho de seu vestido seja irrepreensível, para que este lhe assente como uma luva; se não pode ter muitos vestuários diversos, tem dois ou três somente, mas para esses dois ou três possui todos os acessórios em harmonia com eles, desde o chapéu até à meia, desde a luva até à sombrinha.

É esse o segredo da Parisiense, é esse o segredo que a torna tão superior às outras.

Sua pena também dita a moda para as crianças:

Nunca a moda se mostrou tão sensata como presentemente, no que diz respeito às *toilettes* infantis. Nunca as crianças trajaram mais comodamente.

A moda seguiu, como em tudo tem ultimamente feito, o exemplo inglês, e, pelo que toca às crianças, aliou ao bom senso prático dos vestuários ingleses o cunho da elegância parisiense.

Favorece ela, de preferência, os tecidos brancos e felpudos para os dias frios. Para os dias quentes os vestidos decotados, de mangas curtas, feito “princesa”, isto é, inteiriços, são os mais cômodos. Nesses dias, quanto menos roupa trouxerem as crianças, melhor: a camisinha, as calças e o vestido, eis quanto basta.

Dedica-se também a fazer observações sobre os adornos. Em 9 de setembro informa a sua leitora:

Presentemente, a moda manifesta decidida preferência em favor das rendas, e confessemos que o seu capricho é dos mais delicados e sedutores.

Muitas das nossas leitoras devem possuir em algum cantinho das suas gavetas preciosas rendas antigas de Chantilly,<sup>20</sup> de *guipure*,<sup>21</sup> de Bruxelas,<sup>22</sup> não importa donde, rendas essas que foram o enlevo de nossas mães e de nossas avós. Pois bem, todas essas “velharias” devem agora surgir à tona, como verdadeiras “novidades”. Todas elas servem para guarnecer elegantes vestuários de passeio, de visitas e de baile. Quanto mais antiga a renda, tanto mais preciosa é.

Passemos agora para os acessórios

## Uso dos sapatos

<sup>20</sup> Tipo de renda de bilro, com fundo de malhas hexagonais, no qual sobressaem motivos da flora e da fauna.

<sup>21</sup> Palavra francesa: “guipure”. Renda de linho ou de seda, de malhas largas, com motivos em relevo, que formam arabescos.

<sup>22</sup> Estas rendas manuais estão entre as mais conhecidas. Além delas, existem também as rendas *blonde*, as de Veneza, Alençon e Valenciennes.

Sabemos que a ciência tem energicamente profligado em desabono dos exagerados, tacões a Luís XV, colocados a um terço da sola e obrigando o corpo a uma inclinação forçada e consequentemente prejudicial à saúde. Mas daí, das elevadas alturas desses tacões ao salto chato e de larga base há um verdadeiro salto prodigioso; é saltar-se de um extremo a outro. Por que não se há de adotar um meio-termo?

## Dos chapéus

É importantíssimo que os chapéus sejam muito leves e de abas largas para protegerem as crianças contra os ardores do sol. As cabeças das crianças de tenra idade são débeis ainda, e os chapéus de feltro, de veludo, ou de outras fazendas pesadas, carregados de fitas, laços, flores ou plumas, além de pouco airosos, podem trazer consigo consequências fatais, exercendo funesta pressão sobre o cérebro.

## Das luvas

Com os vestuários de cauda reaparecem as luvas brancas de pelica *glacée*,<sup>23</sup> que também durante algum tempo estiveram votadas ao abandono, em favor de luvas de pele *suede*.<sup>24</sup>

Estando sempre a par das últimas novidades, aconselha:

Em uma das vidraças da recente Exposição de Higiene,<sup>25</sup> em Londres, foi exposto um certo número de pares de meias e luvas de cor, que, segundo a opinião dos médicos, foram causa de sérias irritações e desagradáveis erupções de pele, e, em alguns casos, de moléstias gravíssimas. Os mesmos sábios atribuem estes fenômenos à má qualidade das tintas empregadas. Aconselhamos, pois, à leitora que não escolha cores demasiado vivas para as suas meias e para as suas luvas, a fim de evitar o mal que os sábios da Inglaterra lhes atribuem.

## Das meias

Calçando o mimoso pé de uma das mais elegantes senhoras da nossa sociedade vimos há dias uma finíssima meia de fio de Escócia,<sup>26</sup> produto da fábrica nacional de Jacaré,<sup>27</sup> e ficamos deveras surpreendidas perante a perfeição do trabalho e elegância do desenho e forma dessa meia.

Sua pena também crítica alguns costumes de então:

---

<sup>23</sup> Palavra francesa. “Acetinada”.

<sup>24</sup> Palavra francesa. Couro acamurçado e macio, usado na confecção de calçados, roupas e luvas: “suede”.

<sup>25</sup> O Brasil participou da Exposição Internacional de Higiene e Educação, que se realizou em maio de 1884.

<sup>26</sup> Ou fio escócia: fio de algodão puro.

<sup>27</sup> Estabelecimento para fabricação de meias de homens e de senhoras, propriedade de Luís Simão & Irmão, segundo notícia do *Jornal do Comércio*, de 24 de junho de 1880.

Os vestuários de seda e de veludo para meninos são, além de ridículos, anti-higiênicos, e mesmo pouco asseados. A criança, vestida desses estofos, vê-se constrangida a não brincar, a não se mover, a fim de não amarrotar nem nodoar o rico vestido. E a vida, a alegria da criança resume-se no movimento, nos saltos, nas corridas.

Segundo Gilberto Mendonça Teles, a crônica é uma forma de narrativa que se intromete nas narrativas literárias mais afortunadas, como o conto, o romance e até a epopeia, uma vez que possui uma voo rasteiro sobre os acontecimentos, reais e até imaginários. Daí a sua popularidade, como se deduz, das crônicas de Corina Coaraci.

**Data de Submissão: 06/08/2025**  
**Data de aceite: 02/09/2025**